

Dream, phantasy and art*

RESENHA *

SOLANGE SILVA BARBOSA **

Hanna Segal, reconhecida como importante colaboradora da psicanálise com tradição Kleiniana, neste livro "Dream, Phantasy and Art" apresenta uma visão atualizada de seus trabalhos anteriores sobre pensamento psicótico, simbolismo e criação artística, estabelecendo uma relação com os trabalhos de Freud, Klein e Bion.

O livro se inicia com um prefácio de Betty Joseph. O primeiro capítulo introduz o leitor à teoria dos sonhos de Freud e à sua discussão sobre sonhos que será concluída no quinto capítulo.

No segundo capítulo realiza um estudo comparativo do conceito de fantasia inconsciente entre a visão de Freud e a visão da teoria Kleiniana. Por exemplo nesta citação: "Todas atividades de fantasia pertencem ao Ego, e algumas, das diferenças na visão de fantasia principalmente depende de diferentes visões do Ego primitivo. Na visão de Klein, desde o início da vida há Ego suficientemente estruturado para experienciar ansiedade, para formar algumas relações objetais em realidade e em fantasia, e para usar defesas primitivas. Diferentemente de Freud, ela não mantém a visão de que fantasias somente podem ser formadas quando a criança já desenvolveu uma capacidade para o pensamento lógico."

O conceito de fantasia inconsciente, na visão de M.Klein, é básico para toda a atividade mental e

emocional. E neste capítulo, a autora estabelece relação entre a evolução e as mudanças que ocorrem na vida de fantasia através do teste de realidade, e os conceitos de princípio de prazer e princípio de realidade de Freud e o movimento da posição esquizoparanóide para a posição depressiva.

O terceiro capítulo é dedicado ao estudo do simbolismo, através da visão de Freud, de E. Jones em seu trabalho "The Theory of Symbolism" (1916), de M. Klein e de seu próprio trabalho "Notes on Symbol Formation" (1957). Diferencia dois tipos de formação simbólica, a "equação simbólica" e a "representação simbólica", que em suas palavras é o seguinte: "Na equação simbólica, o substituto do símbolo é sentido SER o objeto original. As propriedades próprias do substituto do símbolo não são reconhecidas ou admitidas. A equação simbólica é usada para negar a ausência do objeto ideal, ou para controlar um objeto persecutório. Isto pertence à estágios primitivos de desenvolvimento. O símbolo propriamente dito, disponível para sublimação e desenvolvimento posterior do Ego, é sentido REPRESENTAR o objeto; suas próprias características são reconhecidas, respeitadas e usadas.

* HANNA SEGAL Editora TAVISTOCK/ROUTLEDGE, 1991. No Brasil: Sonho, Fantasia e Arte - Ed. Imago, R.J., 1993

** Psicanalista pelo Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Isto surge quando sentimentos depressivos predominam sobre os sentimentos esquizoparanóides, quando separação do objeto, ambivalência, culpa, e perda podem ser experienciados e tolerados. O símbolo é usado *não* para negar mas para superar a perda. Quando o mecanismo de identificação é usado como uma defesa contra ansiedades depressivas, símbolos já formados e funcionando como símbolos devem reverter para a equação simbólica.”

Conclui o capítulo discutindo as conseqüências destes dois tipos de formação simbólica na comunicação e pensamento verbal, desde que toda comunicação é feita através de símbolos.

No quarto capítulo trata do espaço mental e elementos de simbolismo relacionando com a Teoria do Pensamento de Bion. O pensamento para Bion, assim como o simbolismo para Segal estão ligados à capacidade para reconhecer e experienciar ausência do objeto, isto é, somente quando a criança pode reconhecer a ausência do objeto (seio) é que ela pode pensar ou simbolizar.

R. Britton ampliou o conceito de continente e contido de Bion para incluir a relação com o pai, o que é apresentado e examinado pela autora: “Eu penso que o espaço triangular é também como o espaço para um novo bebê. Este não é “saturado” pelas projeções mútuas entre a mãe e a criança. Como um espaço mental novo, não saturado, permite o nascimento de pensamentos novos: dois pensamentos podem se ligar como os pais no intercurso para produzir um terceiro pensamento novo.” E conclui o capítulo afirmando que estes conceitos são importantes para a compreensão dos processos mentais envolvidos na formação de fantasia e pensamento onírico e o mal funcionamento do aparelho mental.

No quinto capítulo, “O Sonho e o Ego”, ela sintetiza os conceitos desenvolvidos nos capítulos anteriores, demonstrando como a função do sonho esclarece o funcionamento do Ego. Aqui podemos ver a integração que a autora faz da teoria bioniana. Diferencia o sonho neurótico ou normal onde o Ego realiza o trabalho psíquico de elaboração e simbolização dos pensamentos latentes do sonho, onde os sonhos são representações pictóricas da fantasia. E o sonho onde o trabalho onírico é parcialmente ou completamente falho devido

a uma formação simbólica pobre e presença de pensamento concreto. Isto é, no psicótico, a impossibilidade de simbolização impede o trabalho psíquico do ego, e o sonho passa a ter a função de se livrar de conteúdos psíquicos, são alucinações durante o sono, e na situação analítica serve predominantemente não para comunicação, mas para atuação (acting out). Através da apresentação de casos clínicos ela esclarece estes aspectos do funcionamento psicótico e propõe que o analista observe a função que o sonho exerce na sessão.

Nos capítulos seis e sete Segal realiza um estudo sobre artes, apresentando e discutindo as contribuições de Freud para a compreensão da criação artística.

Descreve como o artista representa, em seu trabalho de arte, assim como através do sonho, o processo contínuo da relação com seus objetos internos, incluindo as vicissitudes de ataque e reparação, em que toda atividade reparativa contém um elemento simbólico. H. Segal relaciona o impulso criativo à posição depressiva: capacidade para simbolizar, percepção de realidades interna e externa e habilidade para suportar eventual separação e perda; assinalando que excessivas defesas contra sentimentos depressivos pode inibir a criatividade artística e refletir na qualidade do trabalho de arte. Assim, diferencia o artista capaz de criar uma verdadeira obra de arte, onde a experiência estética envolve um trabalho psíquico do observador, onde este se identifica com o artista e pode entrar em contato com sentimentos mais profundos que ele não é capaz de fazê-lo por si mesmo.

No último capítulo, intitulado “Imaginação, brincadeira e arte” considera as semelhanças, diferenças e interconexões entre devaneio, brincadeira, arte e pensamento criativo.

A autora consegue realizar a difícil tarefa de integrar conceitos de diferentes teorias com sua experiência clínica para desenvolver o tema proposto neste livro. Por exemplo, o uso que faz dos conceitos bionianos, quando relaciona objetos bizarros, que não podem ser integrados, somente aglomerados, e sua idéia de que esta aglomeração está na raiz da fobia de multidão. Assim, como torna seu livro enriquecedor na medida em que discute aspectos teóricos e estabelece correlações com a apresentação de material clínico.